

Abordagem clínica de cirurgiões vasculares, radiologistas e cardiologistas no manejo de reações de hipersensibilidade a meios de contraste iodados

Luisa Hotimsky Millner¹; Marcelo Vivolo Aun¹

Introdução: Meios de contraste iodados (MCI) são amplamente utilizados em exames de imagem e podem causar reações de hipersensibilidade (RH) imediatas ou tardias, alérgicas ou não alérgicas. O presente estudo avaliou o conhecimento técnico e o manejo de RH a MCI por especialistas que utilizam esses agentes em sua prática clínica. **Métodos:** Estudo prospectivo transversal com cirurgiões vasculares, radiologistas e cardiologistas, por meio de questionário eletrônico no Google Forms sobre conhecimento e manejo de RH a MCI. Foram excluídos médicos que não usavam MCI em sua atuação. Os dados foram analisados no *software* Jamovi, com teste qui-quadrado ($p < 0,05$) e estatística descritiva. **Resultados:** Incluíram-se 164 médicos (68,4% homens), radiologistas ($n = 69$), cardiologistas ($n = 60$) e cirurgiões vasculares ($n = 35$). Apesar de 77,1% já terem presenciado RH e 42,9% terem feito uso de epinefrina, apenas 60,6% investigaram RH a MCI. Desses, 56,9% questionaram sobre alergia a frutos do mar e 33,9% sobre o início imediato dos sintomas. Frente a relato de RH a MCI, 74,3% não perguntaram sobre avaliação prévia com alergista nem encaminharam o paciente. Protocolos de pré-medicação foram adotados para todos os indivíduos com RH prévia à MCI por 63,2%. Antes de administrar MCI, 38,6% perguntaram sobre alergia a frutos do mar, resultando em pré-medicação (29,8%) ou contra-indicação ao uso de MCI (4,7%). Entre as especialidades, radiologistas investigaram mais frequentemente antecedentes de RH a MCI, prescreveram menos pré-medicação e valorizaram menos a alergia a frutos do mar. **Conclusão:** Profissionais de outras especialidades que utilizam MCI apresentam déficits no conhecimento e manejo de RH, configurando potencial risco à segurança do paciente. Radiologistas destacaram-se pelo maior preparo na avaliação desses casos. Achados reforçam a importância da integração entre alergistas e demais especialistas, bem como de educação médica continuada e protocolos baseados em evidências.

1. Hospital Israelita Albert Einstein - São Paulo - SP - Brasil.

* Trabalho finalista do Prêmio de Incentivo à Pesquisa - Alergia.

Características fenotípicas e endotípicas de coorte de pacientes submetidos a dessensibilização por reação de hipersensibilidade imediata a medicamentos

Paola Boaro Segalla¹; Marcelo Vivolo Aun¹;
Jorge Kalil¹; Pedro Giavina-Bianchi¹

Introdução: Reações de hipersensibilidade a medicamentos (RHM) são barreiras importantes ao tratamento, especialmente em doenças inflamatórias crônicas e oncológicas, comprometendo o acesso a terapias de primeira linha. Protocolos de dessensibilização possibilitam reintrodução segura, porém a incorporação sistemática de classificação fenotípica e endotípica através de biomarcadores nos fluxogramas de estratificação de risco é limitada no Brasil. **Métodos:** Estudo prospectivo com 52 pacientes submetidos à dessensibilização entre 02 e 25/04/2025, após RHM a quimioterápicos ou biológicos. Foram coletados dados clínicos, tipo de fármaco, gravidade da reação índice (segundo classificação da *World Allergy Organization*), nível sérico de triptase e interleucina 6 (IL-6) e desfechos. As reações foram classificadas como tipo I (IgE-mediada e não-IgE), citocina-mediada, mista ou de mecanismo desconhecido, visando individualizar o manejo. **Resultados:** A maioria das dessensibilizações envolveu antineoplásicos, principalmente platinas, taxanos e anticorpos monoclonais. Fenótipos: tipo I (50%), citocina-mediada (25%), mista (19,2%) e desconhecido (5,8%). Triptase >11,4 ng/mL ocorreu apenas em fenótipos IgE-mediada (2 em 26 reações) e mista (3 em 10 reações); IL-6 elevada foi típica de reações citocina-mediadas (mediana 80 pg/mL). Foram realizados 23 testes cutâneos (60,9% positivos). Ajustes progressivos no protocolo reduziram a gravidade das reações e permitiram concluir o tratamento em todos os casos. **Conclusões:** A dessensibilização medicamentosa é segura e eficaz, inclusive em pacientes de alto risco. A integração entre classificação fenotípica e biomarcadores mostrou-se estratégica para otimizar protocolos, individualizar condutas e aumentar segurança. A adoção dessa abordagem pode ampliar o acesso seguro a terapias críticas, sendo aplicável a diferentes cenários clínicos no Brasil e representando avanço relevante na Alergia.

1. Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - São Paulo - SP - Brasil.

* Trabalho finalista do Prêmio de Incentivo à Pesquisa - Alergia.